

BULLYING EM CONTEXTO ESCOLAR

(2009)

Luís Picado

Professor Coordenador do Instituto Superior de Ciências Educativas (ISCE).
Doutor em Psicologia da Educação

E-mail:

luis.picado@isce.pt

RESUMO

Pretendemos com este trabalho esclarecer o fenómeno do *bullying* em contexto escolar. São apresentados alguns indicadores relativos à prevalência do problema que ajudam a estimar o potencial impacto do mesmo. Realizamos a definição e caracterização das diferentes tipologias, acções de *bullying* e contribuímos para clarificação do perfil dos agressores e das vítimas. São, também, explicados os efeitos negativos que o *bullying* assume na vida das vítimas, agressores e testemunhas. Por fim, apresentamos algumas estratégias de prevenção e actuação procurando contribuir para alertar os educadores e pais relativamente às possibilidades de actuação.

Palavras-chave: *bullying*, vítimas, agressores, escola, crianças, pais e educadores

INTRODUÇÃO

“A Joana de 14 anos recusou-se a ir à escola, acabou por faltar durante um longo período. Era uma boa aluna e gostava de estudar. Chegar à entrada da escola passou a ser um pesadelo. O medo impedia de entrar. Esta jovem foi acompanhada por uma psicóloga, uma vez que a mãe procurou ajuda para a filha, que estava em grande sofrimento. Foi também acompanhada por técnicos de saúde, nomeadamente pelo psiquiatra. Estas situações não são de solução fácil e, perante a dificuldade da jovem em reagir à situação, foi necessário mudá-la de escola para que retomasse as aulas, depois de uma paragem prolongada. Esta jovem tinha o suporte dos pais e dos avós, que sempre a apoiaram, ainda que com grande esforço pessoal, o qual se traduziu na mudança de algumas rotinas, na sequência da mudança da escola para outra cidade (Pereira, Iossi Silva, & Nunes, 2009)”. A Joana foi vítima de *bullying*.

O *bullying* constitui um dos temas de maior impacto na vida emocional das crianças e reporta-se a um problema que todas as pessoas conheceram, directa ou indirectamente, em alguma circunstância das suas vidas. O termo *bullying*, traduzido do inglês, compreende as múltiplas formas de violência física e/ou psicológica intencionais e repetidas, praticadas entre pares por um individuo (*bully*) ou um grupo (*bullies*) que ocorrem sem motivação evidente, causando sofrimento profundo às vítimas, e sendo executadas no contexto de uma relação desigual de poder. Trata-se de uma forma de comportamento agressivo, entre pares, deliberada e persistente, podendo durar semanas, meses ou anos, sendo difícil às vítimas defenderem-se a si próprias (Pereira, 2001; Smith; Sharp, 1994). Para Olweus (1991, 1993, 1994) “um aluno está a ser provocado/vitimado quando ele ou ela está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a acções negativas da parte de uma ou mais pessoas». Considera-se uma acção negativa quando, alguém, intencionalmente causa, ou tenta causar, danos ou mal-estar a outra pessoa (Olweus, 1994). Esse repetido importunar pode ser físico (e.g. Greenbaum, Turner & Stephens, 1988; Mellor, 1993; Peters & McMahon, 1996), verbal (e.g. Beck, 1995; Bosworth, Espelage & Simon, 1999; Sullivan, 2000), psicológico (e.g. Olweus, 1993; Pereira, Almeida & Valente 1994) e/ou sexual (Arnette & Walsleben, 1998; Batsche & Knoff, 1994).

Prevalência

O *bullying* acompanha os seres humanos desde os tempos imemoriais e está presente em todas as idades, contextos culturais e sociais. De acordo com a revisão de Carvalhosa, Lima e Matos (2001) os estudos em vários países revelam que os comportamentos de *bullying* são comuns (Bosworth et al., 1999) e que pelo menos 15% dos estudantes na escola estão envolvidos nesses comportamentos (Sudermann, Jaffe & Schick, 2000).

Relativamente à prevalência da problemática em Portugal, nas investigações realizadas com amostras representativas (Carvalhosa, Lima e Matos, 2001; Carvalhosa e Matos, 2004) verificou-se que, em 1998, 42.5% dos alunos entre os 11 e os 16 anos de idade relataram nunca se terem envolvido em comportamentos de *bullying*, 10.2% afirmaram serem agressores (uma vez ou mais, no último período escolar), 21.4% referiram serem vítimas (uma vez ou mais, no último período escolar) e 25.9% eram simultaneamente vítimas e agressores. Já em 2004, verificou-se que 41.3% dos alunos nunca se envolveram em comportamentos de *bullying*, 9.4% são agressores, 22.1% são vítimas e 27.2% são, tanto, vítimas como agressores. Pelo exposto, Carvalhosa (2007) conclui que, em Portugal existem taxas elevadas de comportamentos de *bullying*, nas escolas. Para a vitimação e para a provocação, os comportamentos mais referenciados são o “gozar, chamar nomes, fazer troça”, “dizer mentiras, espalhar boatos”, “fazer comentários ou gestos ordinários e/ou piadas sexuais” e “excluir, deixar de fora de actividades de propósito” (Carvalhosa e Matos, 2005). Num estudo comparativo sobre a evolução do fenómeno

em Portugal, verificou-se que a frequência dos comportamentos de vitimação e de provocação, uma vez por semana ou mais, aumentaram nos últimos anos nas escolas Portuguesas (Carvalhosa e Matos, 2004). Nas escolas estes fenómenos são muitas vezes despercebidos na sua verdadeira extensão e expressão.

Deste modo, Carvalhosa (2007) destaca:

- 23.5% dos alunos portugueses, entre os 10 e os 18 anos, estão envolvidos em comportamentos de *bullying*, 2 a 3 vezes por mês ou mais, ou seja, 1 em cada 4 alunos.

- os rapazes envolvem-se mais em comportamentos de *bullying* na escola, quer como agressores, quer como vítimas, quer com duplo envolvimento (simultaneamente agressores e vítimas);

- o envolvimento em comportamentos de *bullying* parece ter um pico aos 13 anos, embora os mais novos (11 anos) se envolvam mais, enquanto vítimas;

- nos últimos anos, verificou-se um aumento na frequência de *bullying*, uma vez por semana ou mais, quer em relação a provocar os outros quer em relação a ser vítima.

Quando comparamos estes dados com estudos transnacionais verificamos, por exemplo na investigação realizada pela Health Behaviour in School-aged Children (Currie, Hurrelmann, Settertobulte, Smith, & Todd, 2000), envolvendo 35 países e regiões maioritariamente europeus, aponta que cerca de 30 % dos jovens entre os 11 e os 15 anos reportam envolvimento em *bullying*, estando os rapazes mais envolvidos do que as raparigas, em todas as idades e que as últimas optam mais por formas de *bullying* indirecto como manipulação social e agressão verbal.

Segundo Carvalhosa (2007), ao comparamos estes dados com os estudos realizados em Portugal verificamos que no nosso país são os rapazes que mais referem serem vítimas de *bullying*. Comparativamente com os outros países envolvidos no estudo, os jovens Portugueses com 11 e 13 anos de idade colocam Portugal em 4º lugar no ranking da vitimização na escola. Em relação aos comportamentos agressores, são também os rapazes quem mais provoca os outros nas escolas Portuguesas. Os dados dos jovens de 11 anos de Portugal quando comparado com os outros 35 países em relação a provocar os outros, pelo menos 2 ou 3 vezes por mês, nos últimos 2 meses, fazem com que ocupemos o 6º lugar no ranking do *bullying* na escola.

Como as crianças passam uma parte significativa do seu tempo nas escolas estas acabam por constituir um local, privilegiado, para a ocorrência do fenómeno. Os estudos realizados apontam que o *bullying* principia no jardim-de-infância, parece atingir o seu auge durante no 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e declina entre o ensino secundário e o superior. No entanto, a investigação também tem demonstrado a existência de *bullies* no local de trabalho, nos contextos familiares e sociais (Antunes e Zuin, 2008). A investigação tem, também, apontado que os meninos vitimizam mais do que as meninas e que utilizam mais agressão física, sendo que as meninas quando agressoras usam mais de agressão indirecta (como por exemplo os boatos,

excluir outros do grupo, espalhar rumores e histórias humilhantes (Jankauskiene, 2008; Nansel, 2001; Olweus, 1993; Pereira, 2008).

Caracterização

O *bullying* ocorre pela aplicação de diferentes estratégias de intimidação e humilhação que traduzem diferentes tipos e/ou acções de *bullying*, designadamente: Físico (bater, pontapear, beliscar, ferir, empurrar, agredir); Verbal (apelidos, gozar, insultar); Moral (difamar, caluniar, discriminar, tiranizar); Sexual (abusar, assediar, insinuar, violar sexualmente); Psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir, ignorar, aterrorizar, excluir, humilhar); Material (roubar, destruir pertences materiais e pessoais) e *Cyberbullying* (insultar, discriminar, difamar, humilhar, ofender por meio das TIC) Smith e Sharp (1994).

Ao procuramos caracterizar o Perfil das Vítimas e dos Agressores verificamos, segundo Boulton (1999), um conjunto de indicadores que fundamentam a propensão para prática e/ ou sujeição ao *bullying*.

Assim, os agressores caracterizam-se por apresentarem: problemas emocionais ou problemas de aprendizagem; sentimentos de impotência para resolver os problemas do quotidiano; consciência dos actos de *bullying*; prática do *bullying* com o objectivo de humilhar o outro para sentirem que têm controlo; pouca tolerância à frustração; pouca persistência; inexistência de perspectivas de futuro; sentimentos de infelicidade relativamente à escola; envolvimento em comportamentos de risco para a saúde (tabaco, álcool e drogas) e, por fim, tenderem a pertencer a famílias desestruturadas.

Contudo, relativamente à forma de actuação, os agressores não apresentam, uma única forma de agir para com as vítimas. Alguns são violentos, abusam do poder sobre os pares pela força, enquanto outros são manipuladores, sedutores até atingirem os seus objectivos. Por isso quando se fala no perfil normalmente parece estar associado a um sujeito com força física, encorpado e muitas vezes quando nos confrontamos com as crianças verificamos que aparentam ser frágeis e pequenas mesmo relativamente aos seus pares. Outros ainda há, que, são pessoas muito agradáveis e que parecem preocupadas com os outros, atenciosas e são esses que manipulam os seus pares para atingirem os seus objectivos, como por exemplo extorquir dinheiro dos colegas não furtando (de forma invisível) ou roubando (com recurso à força) mas, antes, pedindo dinheiro a troco de atenção da sua amizade. (Pereira, Iossi Silva, & Nunes, 2009).

Por outro lado, podemos identificar um conjunto de indicadores característicos do Perfil das Vítimas, fundamentalmente: características de personalidade (sinceridade, timidez, introversão, calma, etc); ser novo na turma ou na escola e ter poucos amigos; ser superprotegido pelos pais; pertencer a grupos e ter interesses diferentes da maioria (religiosos, étnicos, de sociais etc);

possuir características físicas que o diferenciem da maioria; possuir necessidades educativas especiais; usar roupas desadequadas à sua idade; ter problemas de saúde (asma, bronquite, alergias, diabetes, problemas de pele, etc).

Efeitos

O *bullying* tem consequências profundamente negativas, por vezes irreversíveis, nas vítimas, nos autores e nas testemunhas podendo contaminar o próprio ambiente onde ocorre.

As crianças que sofrem *bullying* (dependendo das suas características individuais e dos suportes de ajuda disponíveis) correm o risco de não superar totalmente os traumas sofridos. Deste modo, podem crescer com sentimentos negativos, especialmente com baixa auto-estima, tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento interpessoal. Futuramente poderão assumir, também elas, um comportamento agressivo. As vítimas do *bullying*, mesmo após terem deixado a escola, em comparação às pessoas que não foram vítimas desta violência, têm maior probabilidade de sofrer sintomas de depressão e baixa da auto-estima na idade adulta. Neste sentido, conforme Parker & Asher (1987) destacam, a rejeição social que as vítimas experienciam é um indicador de problemas de ajustamento na adolescência e na vida adulta. Além dos efeitos negativos a longo prazo relacionados com a auto-estima e a capacidade de se relacionar com os outros.

Os autores do *bullying* poderão transportar para a vida adulta, comportamentos anti-sociais, adoptando atitudes agressivas no seio familiar ou no ambiente de trabalho. Os agressores, consideram que todos devem realizar suas vontades, e por uma orientação ou educação pouco adequada, querem ser o centro das atenções. Sentem-se recompensados, mesmo que em curto prazo, por obterem status, poder ou objectos materiais que lhe eram desejáveis, portanto sentem prazer em estar na situação ou no papel que desempenham durante as acções de ameaças, agressões ou ridicularização das vítimas. De acordo com Griffin & Gross (2004), as consequências podem ser desastrosas para os autores do *bullying*, como o envolvimento em situações de violência, delinquências ou outros crimes de maiores vultos.

As testemunhas também se vêem afectadas pelo ambiente de tensão e ansiedade, tornando-se inseguras e temerosas de que possam vir a se tornar as próximas vítimas (Nogueira, 2005).

Actuação

Apesar do *bullying* ser um tema recorrente, os professores e os pais podem ajudar as vítimas, os agressores e as testemunhas a superar o *bullying* e a reencontrar o equilíbrio e o bem-

estar. Para que tal suceda, torna-se fundamental a promoção de uma vivência familiar e escolar positiva (marcada pela abertura, diálogo e informação sobre o tema), assente na conjugação de Regras (os pais e professores devem informar que não toleram que alguém maltrate alguém), Direitos (todos têm o direito a não serem magoados e a um ambiente seguro) e Responsabilidades (toda a comunidade familiar e educativa deve estar vigilante e todos devem supervisionar e monitorizar o comportamento das crianças).

É decisivo que os pais e os professores estejam alertados para os sinais de aviso que podem ser exibidos pelos agredidos e pelos agressores, designadamente: evitar contactos sociais e apresentar sentimentos de isolamento e vontade de estar sozinho, ser vítima de violência, apresentar sentimentos de estar atormentado ou perseguido, apresentar sentimentos de rejeição, apresentar súbito e fraco desempenho escolar e demonstrar baixo interesse pela escola, expressar violência em textos escritos e em desenhos, ter momentos de raiva descontrolada, revelar padrões de comportamento de ataque e de intimidação; ter um historial de problemas disciplinares; ser intolerante para com as diferenças e atitudes preconceituosas; fazer parte de grupos com fins duvidosos. Após a detecção destes sinais as famílias e as escolas devem reunir e conjuntamente delinear soluções (Barros, Carvalho, & Pereira, 2009).

Pelo exposto, alertamos os pais e os educadores relativamente à necessidade de examinarem as próprias convicções relativamente ao *bullying*. Muitas destas, podem, involuntariamente, impedir uma clara percepção do fenómeno e por isso não contribuem para a sua identificação ou resolução. São exemplos de falsas convicções: o *bullying* não é um problema para os meus filhos ou da nossa escola; é melhor deixar as crianças resolver os seus próprios problemas sem interferência dos adultos; é um problema inevitável do crescimento dos miúdos; fui vítima de *bullying* na escola e sobrevivi.

Por outro lado, devemos contribuir para quebrar o *código do silêncio*, de forma a que o *bullying* possa ser conhecido e elucidado. Para tal, é importante que sejam partilhadas histórias sobre a temática e que ajudem as crianças a conhecer o problema (ex: leitura do livro de Menezes M. (2009). *Vasco das Forças*. Lisboa. Coisas de Ler), os educadores devem ouvir atentamente os relatos das crianças sobre situações de *bullying*, será fundamental escutar sem dramatizar mas valorizar a importância do eu está a ser dito e, por fim, deve ser preservado o anonimato das testemunhas de *bullying*, sempre que estas o peçam.

É decisivo que os educadores e os pais transmitam uma mensagem clara e de repúdio ao *bullying*, por exemplo: ninguém tem culpa de ser vítima de *bullying*. Efectivamente, o *bullying* não é normal e ninguém deve/tem que enfrentar o problema sozinho. As crianças devem ser estimuladas a repetir e sentir estas afirmações.

As famílias e educadores podem ajudar as vítimas, contribuindo para ajudar as crianças a aceitar as diferenças e partilhar sugestões como lidar com o *bullying*, designadamente: agir com

confiança, contar aos amigos e adultos; afastar-se, dizer pára, aderir a um grupo, antecipar como agir perante ataques de *bullies* e, inclusive, aprender sobre auto-defesa.

Perante qualquer situação de *bullying* cabe aos educadores agir de imediato. Quando testemunham pessoalmente uma agressão podem utilizar/combinar as seguintes estratégias: procurar ajuda, afastar a audiência, tentar primeiro a intervenção verbal de forma assertiva, usar uma distração (barulho, luzes etc.) e separar os contendores. Quando tomaram conhecimento mas não presenciaram deverão: averiguar a situação falando com a vítima, *bullie* ou testemunhas separadamente. Importa, que os professores e/ ou familiares dialoguem e analisem em conjunto.

Os educadores e pais podem, também, ajudar os *bullies*. Importa, nestes casos, nunca ter comportamentos de *bullying* com os *bullies*. Devem ser assumidas consequências disciplinares claras e justas. Contribuindo para alterar a forma de pensar dos *bullies* (ensinado competências de liderança positiva e ajudando a gerir a raiva) e em muitos casos, sempre que possível, procurar aconselhamento psicológico.

Finalmente, a actuação face à problemática do *bullying* deve assumir, sempre, um duplo carácter preventivo e actuativo. Ao nível preventivo propomos: um compromisso escrito da comunidade educativa contra o *bullying*; acções de promoção de uma ambiente escolar humanista; direcção da escola “visível” e encorajadora face à actuação de professores, alunos, auxiliares e pais; estreitas relações entre a escola e a comunidade e, por fim promoção de uma cultura de diálogo entre o grupo de professores. Ao nível actuativo defendemos: identificação das situações-problema (onde, quando, envolvidos e porquê); propostas de intervenção a 360° (alunos, professores, pais e colaboradores escolares); identificação dos recursos humanos da escola e da comunidade; implementação de um plano de acção a 360°; quantificação dos objectivos e metas a atingir e, finalmente, avaliação.

O *bullying* é um comportamento adquirido e como todos os comportamentos adquiridos pode e deve ser precavido e mudado.

REFERÊNCIAS

Arnette, J., & Walsleben, M. (1998). *Combating fear and restoring safety in schools*. Retirado em 30 de Maio de 2000 da World Wide Web: www.tyc.state.tx.us

Antunes, D. C. & Zuin, A. (2008). Do *bullying* ao preconceito: os desafios da bárbarie à educação. *Revista Psicologia e Sociedade*, 20 (1), 33-42.

Barros, P. C., Carvalho, J. E. & Pereira, M. B. (2009) *Actas do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia*. PUCPR.

Batsche, G. M., & Knoff, H. M. (1994). *Bullies and their victims understanding a pervasive problem in the schools*. Retirado em 9 de Setembro de 1999 da World Wide Web: ector.colorado.edu

Beck, G. (1995). *Bullying among young offenders in custody*. Retirado do PsycLIT: *Bullying and Delinquency*.

Bosworth, K., Espelage, D., & Simon, T. (1999). Factors associated with bullying behavior in middle school students. *Journal of Early Adolescence*, 19 (3), 341-362.

Boulton, M. (1999). Concurrent and longitudinal relations between children's playground behavior and social preference, victimization, and bullying. *Child Development*, 70 (4), 944-954

Carvalhosa, S. F. (2007). *Bullying, nas escolas portuguesas*. Seminário: Universidade de Bergen, Noruega.

Carvalhosa S. F., Lima, L.; Matos M. G. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4 (XIX): 523-537

Carvalhosa, S., & Matos, M. (2004). *Bullying in schools: what's going on?* Paper presented at the 9th Biennial Conference of EARA, Porto.

Carvalhosa, S., & Matos, M. (2005) *Provocação entre pares em idade escolar*. In M. Matos (ed.). *Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola* (3ª ed.). Cruz Quebrada: FMH Edições.

Currie, C., Hurrelmann, K., Settertobulte, W., Smith, R., & Todd, J. (2000). *Health and health behavior among young people*. HEPCA series: World Health Organization.

Greenbaum, S., Turner, B., & Stephens, R. (1988). *Set straight on bullies*. Retirado em 9 de Setembro de 1999 da World Wide Web: ector.colorado.edu

Griffin, R.S. & Gross, A.M. (2004). Childhood bullying: Current findings and future directions for research. *Aggression and Violent Behavior*, 9: 379-400.

Jankauskiene, R. (2008). Associations between school bullying and psychosocial factors. *Social Behavior and Personality*, New Zealand, v. 36, n. 2, p. 145-162.

Mellor, A. (1993). *Finding out about bullying*. Retirado em 1 de Setembro de 1999 da World Wide Web: www.scre.ac.uk

Pereira, B., Almeida, A., & Valente, L. (1994). *Projecto «bullying» – análise preliminar das situações de agressão no Ensino Básico*. Comunicação apresentada no 6.º Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogo ao Ar Livre, Lisboa, Portugal.

Pereira, B.; Iossi Silva, M. & Nunes, B. (2009). Descrever o Bullying na Escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Rev. Diálogo Educ., Curitiba*, v. 9, n. 28, p. 455-466.

Pereira B. (2001). A violência na escola: formas de prevenção. In: Pereira, B.; Pinto, A. P. (Coord.). *A escola e a criança em risco: intervir para prevenir*. Porto: Edições Asa., p. 17-30.

Peters, R., & McMahon, R. (Eds.) (1996). *Preventing childhood disorders, substance abuse, and delinquency*. Sage Publications.

Smith, P., Sharp, S. (1994). *Scholl bullying: insights and perspectives*. New York: Routledge.

Sullivan, K. (2000). *The anti-bullying handbook*. Oxford University Press: Auckland.

Sudermann, M., Jaffe, P., & Schick, E. (2000). *Bullying information*. Retirado em 23 de Maio de 2000 da World Wide Web: www.yrbe.edu.on.ca

Nansel T. R. (2001) Bullying behavior among US youth: prevalence and association with psychosocial adjustment. *Journal of American Medical Association*, Chicago, v. 285, n. 16, Apr. 25, p. 2094-2100.

Nogueira, R. (2005) *Escola e Violência: análise de Dissertação e tese sobre o tema produzidos na área de Educação, no período de 1999 a 2000*, dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Olweus, D. (1993). *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Cambridge.

Olweus, D. (1991). *Bully/Victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a School- Based Intervention Program*.

Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford e Cambridge: Blackwell.

Olweus, D. (1994). Annotation: bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. *Journal of Psychology and Psychiatry*, 43 (7), 1171-1190.

Parker, J. G., & Asher, S. R. (1987). Peer relations and later personal adjustment: Are low-accepted children at risk? *Psychological Bulletin*, 102, 357-389.

Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.